

## **O Capitalismo Global:** Resenha da obra de Celso Furtado

Caio Cezar Pedrollo Machado<sup>1</sup>

O tema do desenvolvimento econômico ocupou um papel protagonista nas ciências econômicas durante o século XX. A Economia do Desenvolvimento organizou-se cientificamente a partir da percepção de que as forças do mercado não se ajustavam tão perfeitamente quanto os clássicos profetizavam.

As sucessivas crises resultantes da acumulação de capital e a desigualdade persistente ainda que existisse o crescimento econômico evidenciavam que eram necessárias intervenções políticas para corrigir distorções, especialmente com ações de órgãos especializados do Estado.

Na América Latina a CEPAL (Comissão Econômica para América Latina), sob direção de Raúl Prebisch, foi responsável por disseminar a Teoria Estruturalista, que tomou para si o desafio de conceituar o subdesenvolvimento e estratégias para superá-lo a partir da industrialização.

Celso Furtado foi o pensador brasileiro que trouxe de lá para o Brasil as novas doutrinas sobre a superação do atraso. Para além de simplesmente comunicar o país com aquilo que se produzia na CEPAL, Furtado dedicou sua carreira acadêmica a pesquisar as raízes do atraso econômico nacional e o que fazer para superá-lo.

Em seus trabalhos iniciais sobre o desenvolvimento, Furtado indicava ser exclusivamente a industrialização o fator de transformação que faria uma nação transpor o subdesenvolvimento.

Os resultados alcançados nos anos 1950 no Brasil, porém, não resultaram em efetivo desenvolvimento social e Celso Furtado passou a dedicar-se à compreensão do porquê a industrialização por si só não resultava em efetivo desenvolvimento. Fato é que somente a introdução de técnicas não era suficiente para eliminar relações sociais atrasadas.

---

<sup>1</sup> Mestre em Fronteiras e Direitos Humanos pela Universidade Federal da Grande Dourados. Professor nos cursos de Direito e Relações Internacionais das Faculdades Anhanguera e do curso de Direito da Faculdade Mato Grosso do Sul, em Campo Grande-MS. E-mail: [pedrollo.machado@gmail.com](mailto:pedrollo.machado@gmail.com)

Partindo da história da formação socioeconômica brasileira Furtado concluiu já na virada para os anos 1960 que as formações social e cultural são determinantes para a superação do subdesenvolvimento. Suas obras a partir daí colocariam a cultura e as estruturas sociais em papel de destaque, como pré-requisitos para a eliminação de desigualdades. Somente a industrialização lastreada por um conjunto de valores locais, lapidados por uma cultura autêntica e ligada ao território, seria capaz de levar o Brasil ao desenvolvimento.

Em “O Capitalismo Global”, o autor revisita sua trajetória acadêmica, a origem do pensamento cepalino, faz análises sobre o Brasil, o subdesenvolvimento e o momento histórico em que se encontrava. Escrito em 1998, trata-se de um Ensaio em que Furtado busca explicar ao leitor como o capitalismo contemporâneo tornou-se hegemônico baseado na globalização como instrumento de disseminação, sua dimensão financeira, bem como os desafios que as classes dirigentes deveriam enfrentar para retomar o crescimento econômico comprometido com a justiça social.

No primeiro capítulo, Furtado narra parte de sua trajetória pessoal como pesquisador, desde suas influências teóricas, que considera principais a do positivismo enquanto doutrina que trata a ciência como meio para alcançar o conhecimento, o Marxismo, que lhe despertou o olhar histórico e a sociologia norte-americana através de Gilberto Freyre, que lhe “revelou a dimensão cultural do processo histórico.” (FURTADO, 1997, p. 9)

Para Celso Furtado o pesquisador deve imaginar e buscar sempre desvencilhar-se dos limites e formas impostos pela burocracia do pensamento, construída a partir de doutrinas e ideologias que verbalizam o pensamento de grupos poderosos. Diz isto tendo em conta sua experiência no início da carreira acadêmica, quando o pensamento econômico era dominado pela escola clássica e estudar o atraso da América Latina sob enfoque econômico era considerado uma heresia. Para ele, “As heresias e heterodoxias desempenham importante papel na história dos homens.” (FURTADO, 1998, p.14), deixando claro que, quando o consenso se estabelece é possível perceber que uma sociedade carece de criatividade e a criatividade é mola propulsora das soluções para os desafios de um país.

No segundo capítulo Furtado explica ao leitor o que significa o novo capitalismo, este baseado na financeirização da economia, em que há um peso maior do capital transnacional do que do Estado Nacional. Para ele, a sociedade precisa estar preparada para um novo tempo em que o individualismo crescente e a aceleração do tempo histórico tendem a impor um desafio inédito quanto às demandas sociais, especialmente as decorrentes da desigualdade social.

O terceiro capítulo se desenrola acerca do processo de globalização e da questão da identidade nacional, esta cada vez mais relativizada em favor da cultura trazida pelo capital transnacional. Esse capítulo compõe parte do ideal central do Ensaio, o de que o capitalismo global devasta as regionalidades com o fim de ampliar ganhos de capital e uniformizar o consumo das massas com valores culturais padronizados. Esta, afinal, é a grande premissa do mundo industrializado, a de que a cultura deve lastrear o processo de acumulação, no sentido de que as sociedades saibam o quê produzir, por quê produzir e para quê produzir.

A dependência tecnológica e as formas de superá-la dominam o texto do quarto capítulo. Celso Furtado explica o subdesenvolvimento pela dependência tecnológica, revisitando o posicionamento de Prebisch quanto a deterioração dos termos de troca. Para o autor o desenvolvimento tecnológico é dependente quando não apenas insere novas técnicas nas estruturas produtivas, mas também impõe padrões de consumo que só são percebidos em economias mais complexas. Ora, tais padrões de consumo estão desconectados das culturas e valores locais e distorcem a compreensão da identidade local sobre o desenvolvimento.

Ao longo dos capítulos quinto e sexto Celso Furtado revisita sua própria obra, aí sim apontando as falhas de sua percepção inicial sobre o desenvolvimento, qual seja, a de um fenômeno majoritariamente ou quase estritamente técnico que, produzindo um excedente econômico, geraria igualdade e distribuição de renda de forma natural. Sobre as reflexões que teve ao longo da construção teórica sobre o subdesenvolvimento ele conclui que “a permanência do subdesenvolvimento se deve à ação de fatores de natureza cultural.” (FURTADO, 1998, p. 60).

Em alguns capítulos deste Ensaio, Celso Furtado não toca necessariamente no tema do Capitalismo Global, permanecendo em suas revisitações histórico-teóricas. Mas no sexto capítulo ele retoma as considerações sobre os desafios do contexto em que escrevia. Para ele, “o desafio que se coloca no umbral do século XXI é nada menos do que mudar o curso da civilização, deslocar o seu eixo da lógica dos meios a serviço da acumulação num curto horizonte de tempo para uma lógica dos fins em função do bem-estar social (...)” (FURTADO, 1998, p. 64).

Ao longo do sétimo capítulo há uma complementação daquilo que foi escrito no sexto, ou seja, continua-se a considerar qual deve ser a postura da sociedade e do Estado Nacional diante do fenômeno da Globalização, orientando o leitor a acreditar que aquele, enfraquecido perante esta, não pode deixar de fomentar na sociedade o interesse pela democracia, pela justiça social, pelo controle do aparelho estatal pela sociedade civil e os

cidadãos. Aqui ele retorna ao conjunto de valores que devem orientar a acumulação de capital na sociedade, à importância absoluta de uma cultura voltada para a transformação de acumulação de capital em bem-estar social e sustentação da cultura local.

Finalmente no oitavo capítulo Celso Furtado encerra o livro questionando o leitor sobre qual tipo de globalização é necessária. Não refuta a globalização, mas observa que ela é um desafio da qual os movimentos sociais e os Estados não poderão esquivar-se, muito pelo contrário, deverão, de acordo com as necessidades locais e a cultura em particular, orientar seus processos de absorção da nova ordem global.

Como em toda obra de Celso Furtado, do início à conclusão, faz-se uma defesa aberta da política como instrumento de resolução de problemas sociais e econômicos, e também como o melhor caminho para a liberação de criatividade na formulação de estratégias e saídas para os diversos desafios que o avanço do capitalismo industrial, agora financeiro, impõe. A integridade de um Estado Democrático, para Furtado, é fundamental para que a cultura seja mantida e oriente um verdadeiro processo de desenvolvimento, independente e justo.

## REFERÊNCIA

FURTADO, Celso. **O Capitalismo global**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

*Recebido em: agosto de 2018*  
*Aprovado em: setembro de 2018*